

Mountain

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXV | #147 | jan/fev 2016



Escalada tradicional
Pedra Riscada - MG

Parapente
Pico dos Marins - SP

Montanhismo
Serra do Sertãozinho - SP

CALÇA-BERMUDA DEFENDER UV

CAMISETA Silver Fresh Performance T-shirt

MOCHILA HIGHLANDER 50+10L

NÉCESSAIRE TRAVEL KIT M

DÊ PREFERÊNCIA AO PRODUTO NACIONAL.

ANTI-MOSQUITO

COMFORTO E EQUILÍBRIO TÉRMICO

PROTEÇÃO UV

PROTEÇÃO UV 50+

ANTI-ODOR

FLEXIBILIDADE

TOQUE SUAVE E AGRADÁVEL

CORTEX

RESISTÊNCIA E DURABILIDADE

VELCRO

ALTA PERFORMANCE

DISPERÇÃO DE SUOR

ESPELHO REMOVÍVEL E 2 FRASCOS DE 60ML

curtlo

Aonde você for!

Acesse nosso site e confira outros produtos: www.curtlo.com.br

#VIDAAOARLIVRE

[/curtlobr](https://www.facebook.com/curtlobr)

Internacional

ALESSANDRA ARRIADA | RS

Uma nota recente em um site de novidades na escalada anunciava de maneira progressista novas tecnologias no mercado esportivo, em breve disponíveis para nós consumidores. Drones acoplados em arneses, ou cadeirinhas, com o devido comando do escalador registrariam imagens, movimentos e até pensamentos imagino. Air-dog, o nome do produto, promete ser uma ferramenta perfeita também para treinos e análises de performance, mostrando o progresso, rotina, evolução dos movimentos, dependendo do objetivo e comando.

Com dezoito minutos de bateria e somente uma hora para recarga completa, o aparelho não deixa de ser uma alternativa para a segurança por exemplo, resgate, visualização, essas coisas.

Mas a minha pergunta é, até onde vale a pena sermos tão tecnológicos? Onde isso irá nos levar?

Eu não canso de observar o uso e abuso crescente de celulares, câmeras, tablets e tudo mais virtual. Famílias inteiras sem conversar, visitas imersas em um mundo só delas, amigos distantes mais distantes ainda, trabalhos e projetos empilhados e redes sociais bombando nos escritórios e uma multidão com comprometimento de cervical de tanto olhar pra baixo e horas a menos de leitura, conversa e interação. Mas tudo isso digo em ambientes geralmente urbanos, tensos, muitas vezes estressantes, locais de convívio, trabalho, tédio muitas vezes. Mas e no meio do mato, qual é a desculpa?

Quando caminhamos até as

montanhas, vamos normalmente em busca não só de nós mesmos, mas de horas de prazer puro, essencial, autossuperação e autoconhecimento. Procuramos o contato com a vida como ela é, cheia de cores, cheiros, sensações.

O sol e o vento no rosto, o peso da mochila, a concentração necessária para cada decisão, muitas vezes essencial para a própria preservação da vida. Como vivenciar tudo isso tirando uma selfie? Ou com um drone na sua cabeça?

Em uma escalada, seja ela esportiva, tradicional, ou mesmo em um caminhada, aprendemos a escutar não só o outro, por nossa segurança, mas ouvimos o ambiente ao redor, os perigos, os ruídos do tempo, nossa respiração. Diferente do nos-

so dia a dia, cheio de bipes de mensagens tecnológicas, sem esforço nenhum. Buscamos a montanha, para ouvir nosso silêncio, para relaxar nosso corpo e mente, para nos conectarmos como o que realmente importa pra nós, do contrário não estaríamos ali.

Com tudo isso, o questionamento, há uma linha tênue emergente nesses últimos anos que separa o importante do frívolo, fútil e até prejudicial. E meu medo é descobrirmos tarde demais esse limite, quando será impossível desfrutar da paz e serenidade de um ambiente como o das montanhas sem uma câmera apontando para nosso nariz e até mesmo um lembrete dizendo o antigo porém muito atual: Sorria, você está sendo filmado! Boas escaladas!

TRILHAS & RUMOS

A SUA COMPANHEIRA DE AVENTURAS

MOCHILA CRAMPON 40

SUAS ALÇAS MAIS RÍGIDAS GARANTEM UM MAIOR CONFORTO E PODE SER UTILIZADA TANTO EM TRILHAS COMO NA IDA AO TRABALHO OU FACULDADE.

MOCHILA CRAMPON 50

ESPAÇOSA PARA CONTER SUPRIMENTOS DE VIAGENS MAIS LONGAS EM AMBIENTES URBANOS.

MOCHILA CRAMPON 31

TODA EM LONA DE NAILON REFORÇADO, COM ALÇAS ANATÔMICAS E ALÇA DE MÃO PARA TRANSPORTE. PERFEITA PARA A TRILHA OU PARA O DIA A DIA.

MOCHILA CRAMPON 31

RESISTENTE, CONTA COM BOLSO FRONTAL COM DIVISÕES PARA CELULAR, DOCUMENTOS E ITENS PESSOAIS E CONTEM CAPA DE CHUVA EMBUTIDA PARA PROTEÇÃO.

ABRIGO TRILHAS WIND

PROTEGE DO VENTO E DA UMIDADE COM CONFORTO. IDEAL PARA ATIVIDADES AO AR LIVRE, BIKE OU MOTO E OCUPA POUCO ESPAÇO.

MOCHILA CRAMPON 40

ESPAÇOSA PARA CONTER SUPRIMENTOS DE VIAGENS MAIS LONGAS EM AMBIENTES URBANOS.

BARRACA FLASH 2

LEVE E PRÁTICA, COMPORTA ATÉ DUAS PESSOAS E TEM RESISTÊNCIA DE 2.000MM DE COLUNA D'ÁGUA.

SACO DE DORMIR ESSENCE

CONTA COM EMBALAGEM ACOPLADA, QUE SERVE DE BOLSA DE TRANSPORTE E TAMBÉM COMO TRAVESEIRO. IDEAL PARA BAIXAS TEMPERATURAS.

ABR. EM ALUMÍNIO P/OTA 2

CONJUNTO COMPLETO DE ARMAÇÃO EM ALUMÍNIO PARA A BARRACA COTA 2 (TOTAL DE 18 SEGMENTOS)

TRILHASERUMOS

WWW.TRILHASERUMOS.COM.BR

21 2742-9652

VERÃO SOLO 2015/16

Vista sua liberdade

UPF 50+

Todos os produtos da coleção Verão da SOLO foram desenvolvidos visando **proteção solar, conforto, leveza e respirabilidade**

SOLO

www.solo.ind.br

www.mountaininvoices.com.br



Atualmente, vivemos um momento político com tantos casos de corrupção (no futebol inclusive), descontentamento geral da nação com a atual presidência e governantes, que a escalada infelizmente não deixaria de ser afetada não só historicamente, mas economicamente e socialmente com tantas palhaçadas. O título "CPI das Competições" desta matéria se dirige a uma tentativa de apontar os problemas, entender a atual situação da escalada de competição e o porquê de tamanha baixa de público na modalidade, passando pela representação mundial.

ANDRÉ BEREZOSKI | SP

Já citei em textos anteriores sobre os ciclos as quais a escalada no Brasil percorre, ora estão em alta que duram na média cinco anos em alguns aspectos e modalidades, e ora em baixa tremenda. Por sua vez esses ciclos fazem com que um determinado setor da escalada que está em baixa seja reestruturado por uma nova geração ou pelas mesmas que vinham trabalhando e recebem alguma injeção de ânimo para continuar, mas como no Brasil nada funciona facilmente, a não ser a roubalheira governamental deslavada, o setor esportivo sofre incessantemente e os ciclos voltam a acontecer, e na escalada de competição a cada ciclo fechado, o novo que se abre já vem em um patamar mais baixo que o anterior.

Da mesma forma que há alguns anos atrás o Brasil estava na mídia como o "País do Futuro" e entre os mais prósperos economicamente, com uma projeção futura motivante, esses governantes não souberam aproveitar o momento, não pensaram de verdade em como controlar essa evolução e agora estamos passando por essa "baixa". A escalada de competição passa por algo muito parecido assim como a economia nacional, não no sentido de que as coisas não acontecem por corrupção ou incompetência, mas sim por falta de prospectar novos talentos que existem em meio a enorme população nacional, inúmeras crianças que poderiam estar vivenciando a escalada, e dessa multidão, extrair com qualidade e quantidade possíveis talentos que iriam se renovando geração após geração, e a medida que uma parcela fosse se ausentando

das competições, outras já estariam preparadas para substituir, não só isso, o nível através dos parâmetros entre cidades, clubes e federações se estabeleceria cada vez mais alto. Tendo como exemplo a Europa, para cada finalista de um mundial, existe um trabalho de base sendo feito com milhares de crianças onde o foco é puramente a competição ou alto rendimento.

Aqui no Brasil, seria totalmente falso afirmar que não existe um trabalho sendo feito em relação a escalada infantil, muito pelo contrário, escolas, ginásios educadores e competições e eventos infantis têm acontecido cada vez com mais frequência, e isso é altamente importante. O que acontece é que desses indivíduos atingidos pela escalada de competição, quantos deles permanecem ou migram de modalidade, quantos deles estão sendo preparados especificamente para as competições, e destes, quantos direcionam o foco em competições internacionais? Praticamente nenhum.

Tomando por base o surf onde temos brasileiros ganhando etapas do circuito mundial há vários anos já, essa nova geração de BRAZILIAN STORM faz parte de um grupo de crianças que surfa desde pequenos, competem e seus pais ou treinadores, sempre colocaram como foco o circuito mundial de surf, e os constantes contatos com o nível e ídolos do mais alto escalão do surf, aliado ao imenso investimento PRIVADO, foram os responsáveis pelo atual nível atingido.

Se a CPI da escalada chegasse a alguma conclusão sobre essas dúvidas, com certe-

za a palavra VIVÊNCIA estaria presente neste relatório. Estar treinando em vias que os route setters do mundial trabalham, com agarras e paredes novas, e com todo suporte financeiro por trás é muito importante, mas estar participando de competições lá fora, do circuito completo é o que faz a grande diferença.

Helmut Becker, Linha, Edson Shimabukuro, Anderson Gouveia, Janine Cardoso, Ana Makino, Cesinha, Thaisinha, Felipe Camargo e eu, entre tantos outros, sempre tentamos competir no mundial esporadicamente, e por mais exageradamente treinados que estivéssemos, a melhor posição nos mundiais foi a entrada para as semifinais entre os 26, o imenso sacrifício, rifas, e economias desprendidas para estar lá competindo, e a pressão de representar bem lá fora, dificilmente eram compreendidas pelas pessoas que nos rodeavam e não entendiam como e porquê não tínhamos o resultado esperado (vendo todo o nosso esforço e treinos por aqui). E é essa falta de VIVÊNCIA, aliada a falta de recursos que sem sombra de dúvidas é um dos fatores mais relevantes para tal situação. Fisicamente, tecnicamente e psicologicamente todos que já estiveram presentes em um Mundial têm plena consciência de que uma semifinal é algo atingível com intenso treinamento, mas desde que exista uma vivência mínima, já uma final, hummm, uma final, provavelmente este resultado só venha com mais tempo atrelado ao comprometimento de formar futuras gerações com este pro-

pósito e mentalidade forjada para as competições e parâmetros internacionais.

O lado bom da história é saber que após a tantas dificuldades deste país, existe um movimento da categoria de base, amador, e juvenil que está comprometida e motivada com as competições. Os eventos que se realizam com estas categorias têm recebido um número de participantes até maior que a categoria PRO, um bom indicativo.

Com duas entidades, ABEE E CBME dispostas a realizarem boas competições, também são fundamentais para o desenvolvimento do esporte e obviamente através delas seria nossa esperança de arrecadar fundos para o desenvolvimento geral da área esportiva.

Mas como as CPIS no congresso têm casos imensos de corrupção no governo para resolver na atualidade, deixando os vãos esportes na mão por conta de tantos desvios, vamos realizando nossas próprias CPIS para identificar e resolver os problemas dentro da modalidade da melhor forma possível, para que possamos voltar a ver campeonatos gigantescos dentro de shoppings, ou locais de grande visibilidade, com números sensacionais de competidores, e com a esperança de levar um brasileiro a lugares cada vez mais altos nas posições internacionais. Este texto contou com depoimentos enriquecedores de Cesar Grosso, Thais Makino e Jean Ouriques.

Boas Escaladas.
André Belé tem apoios de 5.10 e Conquista Montanhismo.



CASA DE PEDRA

Loja e Ginásio

Agora em um único endereço!

Rua Venâncio Aires, 31 - Água Branca, São Paulo, SP

Tel.: 11 98198-8267

www.casadepedra.com.br

www.escaladaindoor.com.br

DECOLANDO DE PARAPENTE DO PICO DOS MARINS



TEXTO: LEANDRO MONTAIA
IMAGENS: JOHN BOETTCHER

Chegamos a base do último step antes do Pico dos Marins e vislumbramos a laje inclinada de granito que nos daria acesso ao cume. A eminência do sucesso amenizou o cansaço da caminhada de três horas até aqui.

Fomos interrompidos por um susto breve quando Christian nos chamou no rádio:

- Pessoal, a Bharbara não está passando bem, não tenho certeza se ela poderá caminhar. QTH pouco abaixo do platô.

Não sou diferente de um típico montanhista e escalador de final de semana, trazia na bagagem cumes clássicos da Serra da Mantiqueira, Serra dos Órgãos, Rio de Janeiro e alguns picos nevados da Bolívia. Ao longo de 15 anos nas montanhas, nunca sonhei que na minha primeira vez subindo o Pico dos Marins eu estaria carregando um paraglider na mochila, ao lado de amigos pilotos.

Apenas uma troca de olhares e compreendemos muito bem o significado da sentença no rádio: O Casal Christian Boettcher e Bharbara Cavalcante, que faziam parte do grupo mas subiam em um ritmo mais lento, estavam agora pelo menos uma hora para trás de nossa posição e uma hora e meia do campo base. Se ela não fosse capaz de caminhar, o resgate levaria o dia todo.

Eles teriam sido o primeiro casal a decolar de parapente duplo do Pico dos Marins, a maior montanha inteiramente no Estado de São Paulo e 26a maior do Brasil.

Uma decolagem de parapente¹ single tinha acontecido há apenas algumas

semanas, em junho de 2015. O montanhista e piloto Fábio Ferrera, também conhecido como Pé, estacionou no campo base e foi logo perguntando:

- Oi Dito, fala aí, alguém já decolou e voou de parapente aqui no Marins? Dito e sua família tomam conta do abrigo no campo base desde os tempos do sumiço do Marco Antonio², em 1983. Ele respondeu:

- Não que eu saiba, certa vez apareceu uma turma e disse que não dava voar aqui.

Pé já escalou uma dúzia de picos acima dos 6.000m nos Andes, alguns em solitário, estivera várias vezes no Pico dos Marins antes. Depois da conversa com Dito, ele subiu até o cume e avaliou o céu, havia um tapete de nuvens sobre o Vale do Paraíba. Respirou fundo e tomou precauções:

- Mãe?! Anote direitinho esse número que vou te passar, é a frequência do rádio que eu estou usando. Se eu desaparecer nesse mata, você passa esse número para o bombeiro e diz que eu tava no Marins, entendeu mãe? Te amo...

Ele afivelou sua cadeirinha e travou os mosquetões, tal qual um escalador, perdurando sua vida em fios de nylon a centenas de metros do chão.

Absolutamente sozinho, alguns passos

e Fábio decolou. Para não se arriscar nos maciços encobertos sob as nuvens, preferiu pousar no apertado Morro do Careca, uma clareira na própria trilha de acesso aos Marins. Não há notícia de uma decolagem anterior à dele.

¹Esta é, provavelmente, a primeira decolagem de parapente do Pico dos Marins, datada em 12 de junho de 2015. Não encontramos pista de decolagens anteriores.

²Marco Antonio foi um escoteiro aprendiz que se perdeu de seu grupo no Pico dos Marins durante um resgate no ano de 1983.

- Alô, oi mãe, tá tudo certinho aqui viu, já pousei, tudo certinho...

Agora Fábio Pé estava na minha frente, roendo pedras: ele, eu e mais dois amigos, decidindo o que fazer. Alguém arrematou:

- Vamos subir até o topo, vai levar uns 20 minutos. Se a Bharbara melhorar, decolamos, se ela piorar, nós descermos e fazemos o resgate.

Estávamos radiantes quando nos abraçamos sobre o cume, aquele momento de qualidade infinita, o Marins tinha nos recebido, uma montanha acolhedora.

A minha impressão do parapente an-

tes de ser piloto teve grande influência de John Krakauer. As palavras "carnificina" e "moscas caindo do céu" estão na sua descrição do esporte após sua visita a Chamonix em 1989. Nas entrelinhas ele insinua que para os franceses a adrenalina vem antes da montanha. No cume dos Marins eu já não concordava com ele, sorrindo com meus amigos não fazia diferença se iríamos voar ou não. Nós assinamos o livro e nos preparávamos para descer, quando o rádio chiou de novo:

- Caras, surgiu aqui um grupo de escoteiros, eles são formandos de um curso de resgate. Parecem ansiosos pela primeira missão de verdade...

Mais uma troca de olhares e minutos depois John Boettcher estava pronto para decolar a mais de 2.420m. Ele e seu irmão Christian, mentores do grupo, são pioneiros na prática de paramontanhismo no Brasil. Decolar dos Marins era um sonho antigo.

- Bom voo John – alguém disse.

E ele se foi, fluindo no vazio. Depois dele Jefferson Estevam e Fábio Pé.

A adrenalina é um componente menor, não existe um salto inconsequente, pelo contrário, o parapente deve voar antes de sair da montanha. O companheiro grita "bom voo" porque ele checkou suas linhas e seu equipamento, ele está cuidando de você, é algo como "seguran-

ça pronta".Fui o último a decolar. Tive tempo de me lembrar da primeira vez que vi um parapente voando de perto: escalando na Pedra do Bau com minha esposa Lygia Takayama, o piloto passou pertinho de nós: Olha lá gata, imagina a sensação de voar!Corri para o vazio, a borracha quente da bota descolando da pedra pela última vez. Em voo a vontade mais intensa é continuar escalando pelas correntes ascendentes de ar quente, o novo cume está na troposfera, onde morrem as térmicas e nascem as nuvens.

Entretanto, neste dia voamos baixo e deu para ver direitinho as paredes da face sul da montanha. Eu estava ali, balançando nas barbas de Deus, mas quando vi uma fenda magnífica no maciço não pude evitar:

- Uau, cara, olha essa fenda! Imagina a sensação de escalar ali! Uuhh!

Dicas para voar de parapente no Pico dos Marins

Compartilhamos abaixo um pouco de nossa experiência nos Marins. A prática de parapente envolve risco e lembramos que cada piloto é responsável por sua própria segurança e decisão sobre seu voo.

A estratégia geral

O mais recomendado é reservar dois dias para sua aventura. O primeiro dia para chegar ao acampamento base do Pico dos Marins e o outro para subir a montanha e voar.

mesmo dia. Neste caso tente se planejar para estar no acampamento base por volta das 6h ou 7h. A caminhada até o cume vai levar entre 3h e 5h. Leve água pois não há bicas pelo caminho. Como sabemos, pode acontecer de não dar voo. Recomendamos um horário limite de decolagem até as 15h ou iniciar o retorno caminhando.Melhor época para voar no Pico dos MarinsOs meses que apresentam mais dias com as condições meteorológicas boas para o voo livre na região são de Julho a Setembro.

Vento e condições meteorológicas

O topo do Pico dos Marins permite decolagens para vento vindo das direções W, SW, SE, E. NW e S também é possível, mas menos confortável.

Escolha um dia com previsão de velocidade do vento muito baixa.

As duas primeiras expedições aconteceram em dias nos quais a previsão estava entre 1~3km/h e rajada entre 4~5km/h. Mesmo assim, no cume, a velocidade estava perto dos 20km/h. Na terceira expedição a previsão era de velocidade entre 5~7km/h, rajadas de 8~9km/h. Porém, na rampa, encontramos ventaca acima dos 27km/h e tivemos que esperar até o meio da tarde, quando o vento diminuiu, para conseguir decolar com segurança.

A umidade também deve estar muito baixa para garantir que a base das nuvens seja alta e que o cume não esteja entubado.

O Voo

A vantagem é acordar descansado no abrigo que fica já no início da trilha. Você terá tempo suficiente para aproveitar a caminhada sem ansiedade de perder a melhor condição de voo.

Outra alternativa é chegar e voar no

de Serra da Mantiqueira! Outro objetivo bacaníssimo e menos comprometido é voar sobre a serra até o Pico do Itaguare. A caminhada Marins-Itaguare é uma das travessias mais clássicas e queridas do montanhismo brasileiro e realizá-la voando é um privilégio. Mesmo se a condição permitir apenas o lift na encosta, você irá apreciar paredes vertiginosas repletas de grotas, maciços e catedrais de rocha.

No pior dos casos, será um voo prego super gratificante e com a sensação de dever cumprido.

O pouso

Há dezenas de opções de pouso ao sul e ao norte da serra, certamente não será um problema. Lembre-se sempre de tratar os proprietários com cordialidade e evitar assustar o gado. O pouso no morro do careca é possível e permite que voce desça até o carro sem necessidade de um "resgate" ir te buscar, por outro lado, é pequeno e exposto a "venturi", bastante perigoso e não recomendado.

Impacto ambiental

A prática do parapente, como qualquer outra modalidade de montanhismo, deve gerar mínimo impacto. Preserve o Marins e qualquer ambiente natural, mantenha-se na trilha, e jamais arranque plantas ou arbustos. O Marins tem as clareiras naturais onde é possível abrir uma vela com folga e sem enroscos. Traga seu lixo e dejetos de volta. Para saber mais, conheça os programas PEGA LEVE e LEAVE NO TRACE.

Mais informações

Um guia mais completo, com coordenadas geográficas, detalhes de equipamentos e o que levar, está publicado gratuitamente em www.hikeandfly.com.br.

Datas das expedições de Parapente ao Pico dos Marins e integrantes na temporada de 2015

Assista aos filmes Marins Face Sul e Marins Fora do Padrão e saiba mais sobre a prática de hike and fly no Brasil em www.hikeandfly.com.br

RESSOLE SUA SAPATILHA NA



- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram
- Pronta para sua cadena

ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações www.bele.com.br ou ligue para 11 82446672

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

www.penatrilha.com.br

Rua Apeninos 803 São Paulo SP
11 3562 1801

Viaje de Cristal

Texto: Horacio Gratton
Imagens: Noel Martínez de Aguirre



Horacio Gratton e Cintia Percivati estudando a 12ª. enfiada.

O vento sacudia as redes da parede, e nos acordava com alguns choques. No escuro da noite, a 500m do chão, no nosso acampamento de altura, dois portaledges (redes de parede) tremiam com seus cinco ocupantes dentro. No entanto alguma tranquilidade nos envolvia... nós estávamos no Brasil, longe dos ventavais aos quais estamos acostumados em El Chaltén e espera-se que, em nenhum caso, poderia ser pior do que uma tempestade da Patagônia... ou Sim?

A história desta *Viaje de Cristal* começa com a abertura da via *The Place of Happiness 850m 7c+*, que nós abrimos na face norte da Pedra Riscada, no ano de 2009 juntamente com Stefan Glowacz, Holger Heuber e Ed Padilha.

Aquela via acabou por ser excelente em termos de qualidade da rocha e estilos de escalada. Lembro ao escalar aquela borda, olhei em direção à parede do nordeste e fiquei impressionado com o grande negativo amarelo, que prometia uma escalada alucinante e a possibilidade de abrir outra via incrível. Desde então, fiquei com a idéia de retornar para a Pedra e abrir aquela linha perfeita.

Junto com minha parceira, Cintia Percivati, tivemos a intenção de abrir esta via faz um tempo e no início deste ano, decidimos que era hora de realizar este projeto. Para começar nós sabíamos que abrir uma via destas características é uma tarefa difícil e seria ideal ter duas cordadas para alternar entre o que é a abertura e o trabalho da parede, como escalada, mochilas, abastecimento de água, material de escalada, etc.

Logo pensamos no nosso casal de amigos Majo Moses e Nacho Elorza, companheiros perfeitos para esta aventura, já que eles têm muita experiência abrindo vias e técnicas de Big Wall. E também, e muito importante, são grandes amigos.

Bastou só lhes mostrar algumas fotos e sentiram a aventura. O grupo foi formado! Este tipo de aberturas em uma área relativamente remota como esta, envolve numerosos problemas logísticos que foram sendo resolvidos durante três meses de preparação.

Também houve um consenso geral a boa documentação desta escalada, e Noel Martínez de Aguirre foi a pessoa a recrutar, desde há muito tempo é dedicado à fotografia e filmes de escalada de forma profissional, e gostamos muito de seu trabalho. Também não custou muito convencê-lo!

Por causa do trabalho, fazia um bom tempo que estávamos com a Cintia no Brasil, o que nos ajudou a organizar a logística de lá.

E foi assim como um dia incomum de frio fomos buscar nossos amigos no Aeroporto de São Paulo e encher até a tope o fiat dobro que alugamos e partimos em direção ao norte.

Como a estrada é longa e às vezes nada simples, paramos duas vezes a escalar nos setores que estavam no caminho e assim não só fizemos uma viagem mais agradável, mas também nos colocamos em forma para escalar a Pedra.

Foi assim que passamos uns dias em

São Bento do Sapucaí e na Serra do Cipó.

A cidade mais perto da Pedra chama-se São José Do Divino, e nosso contato lá era Edemilson Duarte. Edemilson possui uma fazenda a poucos quilômetros da Pedra, onde também funciona uma pousada que opera nos meses de verão. Meus amigos ficaram preocupados quando lhes falei que eu não tinha sido capaz de me contatar com Ed, e também nem me lembrava onde ele morava...

Mas não sabiam que Ed é uma das pessoas mais famosas da cidade. Músico (já gravou três álbuns, um com o famoso Zé Ramalho), empreendedor rural e do turismo. Ed é, sem dúvida, uma personalidade muito importante em São José e a quem os escaladores devem o fato de serem tão bem-vindos lá.

Foi suficiente perguntar a primeira pessoa que vimos para nos guiar na direção, literalmente porque é literal, o homem nos disse "Esperem aqui" e depois de um tempo apareceu em um carro e acenou para nós para segui-lo... Eu acho que em São José do Divino é a cidade mais amável que jamais vi.

Ed nos recebeu de braços abertos e colocou à nossa disposição o "Recanto Pedra Riscada", uma pousada que convenientemente, fica 7 km do início da nossa via!

Durante a viagem eu tinha preocupado meus colegas, com relação ao estado das estradas de acesso à Pedra. Conteí-lhes histórias de valas e todos os tipos de aventuras que tivemos de suportar a última vez. Mas agora, para nossa surpresa, as estradas estavam impecáveis e sinalizadas para os escaladores! Acontece que a via que abrimos há seis anos se tornou um clássico brasileiro que também atraiu a atenção de escaladores de todo o mundo, que por sua vez, foram abrindo outras vias.

É por isso que Ed mostrou aos sucessivos prefeitos da cidade a importância turística que representa a Pedra, e eles trabalharam dispostos a ajudar a desenvolver a escalada na área. Acho que não há muitos lugares no mundo onde o escalador se sinta tão bem-vindo!

Uma vez acomodados em nosso acampamento base de luxo, fomos ver a parede e estudar a linha.

Tentava concentrar-me na estrada para subir, mas foi difícil com as centenas de picadas de carrapatos que trouxe do Cipó.

Visualmente, a linha perfeita era quase uma reta da base até o cume, mas claro que não sabíamos se era viável. Felizmente no final a linha seguiu a rota planejada nesse dia de estudo. Nós decidimos entrar pelas primeiras enfiadas da *Place* e em seguida, continuar em linha reta.

No primeiro dia de escalada enfrentamos o maior perigo: abelhas! Da floresta apareceram milhares em uma nuvem

densa, barulhenta, passaram a poucos metros de nós, e felizmente passamos despercebidos... recentemente uma cordada sofreu um ataque pelas abelhas, com consequências fatais. A partir daí, decidimos sair "armados" com uma boa dose de dexametasona injetável, por via das dúvidas...

No dia seguinte, mais ou menos na mesma hora da manhã, me acho juremendo na ponta e meus colegas vem mais atrás, e de repente começo a ouvir o zumbido aterrorizante...

Segundos depois a densa nuvem vem em minha direção. Mantive a calma. Tentei me mover o menos possível, coloco o freio e desço uns poucos metros, tentando manter distância e ao mesmo tempo me movendo com o maior sigilo possível... momentos de stress. O enxame permanece estático a metros de mim e depois de alguns minutos decidem continuar... em poucos segundos as perco de vista, como parecendo compensar o tempo perdido. Suspiro aliviado...

Felizmente as vimos apenas nessas duas ocasiões, e não voltaram a aparecer. O primeiro dia conseguimos instalar a primeira enfiada da nossa rota, após cinco pela *Place*, a partir daí, nossa via continuaria reto.

Depois viriam dias de intenso trabalho, que consistiam em jumarear, abrir via, escalada, içar as mochilas, cordas de fixação... Por isso, começávamos de manhã bem cedo e voltávamos para a base à noite.

A escalada não parava de nos surpreender pela qualidade. Depois de alguns dias de abertura em que fixamos as cordas e retornamos para a base, decidimos que era hora de nos instalar na parede. A 500m acomodamos dois portaledges (rede de parede) e a partir daí, continuamos a abertura.

Agora se repetia a rotina, mas de cima, também tínhamos começado a liberar as enfiadas mais difíceis da via. Na primeira noite na vertical, percebemos como as coisas seriam um pouco difíceis.

Ao pôr do sol começaram fortes ventos que ameaçavam a integridade do acampamento, mas aos poucos aprendemos a relaxar, já que ele parava sempre ao nascer do sol. Também tivemos noites de chuva que continuaram até o meio da manhã, o que atrasou a abertura, mas ao mesmo tempo nos davam a chance de dormir mais um pouco. Depois de vários dias seguidos na parede a fadiga começa a passar a nota, e acordar começa a custar mais. Mas a motivação estava sempre bem acima, já que a via seguia cada vez melhor!

Dois dias de trabalho foram necessários para superar o negativo amarelo, que teve enfiadas de 7c+/8a e 8° de alta qualidade. O fim do negativo nos deixou numa grande coluna vertical de 200m, que era mais fácil tecnicamente, numa ótima rocha.

Uma enfiada depois de terminar esta coluna, alcançamos as enfiadas fáceis

da *Place*. Invadiu-me um grande prazer nesta fase final, com grandes lembranças novamente!

Hormi vai na ponta e como eu conhecia bem aquela reta final por terra aberto, lhe indico por onde ir... "vai reto, passa esse ponto encontrará uma chapeleta" tento tranquilizá-la, já que há mais de meia enfiada não há costuras. Vinte metros mas acima, vejo-a fazer lances delicados com minha segue como única proteção, e me grita que já viu a parada!... quinze metros à direita de onde eu achava que era! "boas lembranças"... bom... mas parece ser um pouco confuso.

Depois de uma travessia fácil, mas delicada, Hormi chega no platô, depois de sessenta metros sem proteção!

Mais outra enfiada, as meninas vão na ponta e as ouvimos gritar no cume! Um a um fomos subindo até estar os cinco festejando e admirando a vista daquele lugar mágico.

Descendo encontramos os amigos de Brasília que estavam terminando a repetição da *Place*, os cumprimentamos e continuamos com nosso trabalho para limpar a via.

Alguns dias depois, após ter limpo a parede, nos despedimos de Edemilson e da Pedra, dos amigos de São José e esse incrível lugar. Agora o destino é o Rio, mais escaladas e surf, mas isso é outra história.

Ficha Técnica

A Pedra Riscada está localizado cerca de 30 km de São José Do Divino, uma vila no norte do estado de Minas Gerais. O melhor momento para a escalada é de maio a agosto.

O melhor acampamento que você pode imaginar é o Recanto Pedra Riscada de Edemilson Duarte.

Esta área de grandes serras e paredes esta se consolidando como um dos melhores lugares, pelo menos na América do Sul, para o estilo esportivo na parede. Embora ainda haja muito por abrir, já existem várias vias abertas, que valem bem a pena repetir, como *The Place of Happiness*, *Onde o vento a curva*, *O planeta dos macacos*, no vizinho, Morro filhote, e claro *Viaje de Cristal* são vias exigentes em estilo Big Wall.

Equipamento

Para repetir a *Viaje de Cristal* leve 19 costuras, 1 jogo de cams; 1 conjunto de stoppers, 2 cordas de 60m.

Não há nenhum platô grande o suficiente onde bivacar na via toda, então se conseguir escalar a via no mesmo dia, ou instalar cordas fixas, recomendo usar portaledges (na enfiada 10), assim se torna mais agradável e dá a oportunidade de experimentar as enfiadas mas fortes.

Para descer faça rapel na mesma via, com duas cordas de 60 m.

... vá, que vale a pena!

Tradução de Cristina Ljurgmann

PIEDRA PARADA E LA BUITRERA

TEXTO: ELISEU FRECHOU
IMAGENS: ANA FUJITA



Após escalarmos apenas duas vias em 5 dias nas Agulhas do Frey, entre tempo ruim e neve fofa demais para fazermos a aproximação das montanhas e chegarmos secos, resolvemos partir de Bariloche e tentar salvar nossa viagem primaveril à Argentina. Resolvemos seguir rumo sul, em direção da região de estepe, onde o clima é mais seco e desértico.

Piedra Parada é um imenso monólito que guarda a entrada do cânion de La Buitrera. A área ganhou fama internacional no mundo da escalada em 2012 por conta de um evento promovido por uma grande marca francesa de equipamentos. Apesar de a escalada ter tido início no local na década de 50, somente em 93 a Piedra Parada teve sua primeira ascensão. Depois deste feito histórico, escaladores argentinos mantiveram uma pequena frequência nas atividades de conquista de novas rotas na Piedra e nas paredes do cânion. Em 2012, o cânion foi invadido por centenas de escaladores de todas as partes do mundo, deixando após o evento, dezenas de novas e bem equipadas vias.

A maior parte das rotas é no mais puro estilo esportivo. Boa grampeação, proteções próximas e a maior caminhada (3 km, até o final do cânion), demora menos de

1 hora. Escalamos poucas vias positivas. O que prevalece são as rotas verticais e negativas. Nada mais óbvio, pois as paredes do cânion são cheias de setores esburacados, que fazem a alegria dos que treinam em ginásio. Diversão garantida se você curte agarrões, vias de resistência, sem crux muito definidos. Em minha opinião, o melhor tour é escalar nos primeiros setores (Alero, El Gruyere) e ir adentrando o cânion aos poucos, à medida que se acostumar com a rocha. Diversos setores tem tetos gigantes logo acima das vias, o que deve garantir manter as paredes secas mesmo nos dias de chuva. No final do cânion, os setores La Gallinita e Calavera são bem interessantes e fecharão com chave de ouro sua tour.

Para escalar na Piedra Parada é necessário equipamentos móveis e duas cordas de 60m para fazer o rapel do topo. Não tínhamos

e não pudemos escalá-la até o topo. Para escalar no cânion, uma corda de 60m é suficiente para as vias esportivas. Leve um tapete para corda.

Ao sair para escalar, planeje-se para ficar o dia todo, levando

água e comida. Não esqueça de um corta-vento, pois a brisa patagônica é constante e nas paredes com sombra, gelam os ossos.

O guia de escalada Piedra Parada y La Buitrera de Fernando Molina, é bem editado e com muitas



imagens. Pode-se comprar online ou nas lojas de equipamentos de Bariloche. Há informações sobre os horários de sombra em cada setor, o que apesar de ser bem óbvio, pois a orientação do cânion é norte-sul, então as paredes estarão com sol de manhã ou à tarde. Nos dias em que escalamos lá, passamos frio e calor. Parece que a sensação térmica depende do vento e da nebulosidade do dia. A segunda edição, revisada, ainda tem erros de localização e número sugerido de costuras para determinadas vias. Portanto preste sempre muita atenção nas imagens e confira se elas condizem com a realidade, além de sempre carregar 2 ou 3 costuras a mais do que o manual sugere, evitando ficar na roubada.

Infraestrutura

O camping La Buitrera, de Mario Moncada fica bem localizado, a 700m da entrada do cânion. É bem simples, mas tem uma área de pasto para montagem de barracas, água, banheiros, banho

quente dia sim, dia não. Luz e energia elétrica somente nas primeiras horas da noite. Há uma área aberta para cozinhar, mas leve seu fogareiro e gás ou terá que cozinhar usando lenha. Pagamos 8 pesos a diária.

Vimos barracas montadas nas margens do rio Chubut, mas esse camping selvagem não é seguro e há diversas placas de "proibido acampar". Toda a área é reserva protegida, então é melhor evitar problemas e antes de montar a barraca, certificar-se se é permitido.

Sinal de celular, internet, wifi, alimentos e gasolina, são encontrados somente na cidade de Gualjaina, distante 40km em estrada de terra. Melhor programar-se levando tudo o que for precisar e preparar-se para ficar incomunicável.

As cidades mais próximas são Bariloche (400km) ou Esquel (80km). O ideal é alugar um carro (220 pesos a diária) e assim ficar independente. O acesso via ônibus é bem restrito e só acontece em poucos dias da semana.

Mais que uma loja de equipamentos outdoor



NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas



e-commerce: www.bivak.com.br

11 2308 6995

Rua Caramuru, 523

Metró Praça da Árvore, São Paulo

deuter

Uma Deuter é
para a vida toda

www.deuter.com.br

A SERRA DO SERTÃOZINHO DO TIETÊ

Foi por insistência de Jorge Soto que vim a conhecer esta pequena serra próxima a Mogi das Cruzes, com uma história bem peculiar. Como seu acesso é fácil e rápido, pode ser explorada num fim de semana. Embora sem montanhas altas ou natureza exuberante, vale a pena subir na Pedra do Sapo e no Pico da Esplanada. Serão ascensões confortáveis - a menos que você queira se aventurar dentro da mata em travessias meio radicais entre suas pedras, como o Jorge costuma fazer.

ALBERTO ORTENBLAD | SP

O Acesso

Se você deixar a cidade de Mogi das Cruzes com destino ao litoral, dificilmente perceberá que está atravessando uma pequena serra, após ter percorrido os primeiros 20 km da SP088, a Mogi-Bertioga. Esta serra é a última manifestação do planalto, antes que você mergulhe nas escarpas da Serra do Mar.

Então, passe pela entrada de Biritiba Mirim e prossiga no asfalto até o km 74. Você encontrará a sinalização de uma entrada à sua esquerda para Manuel Ferreira, um discreto bairro quase às margens da rodovia. Pertence ao município de Biritiba Mirim. É uma área rural um tanto acanhada, com pequenas fazendas e algumas chácaras e reflorestamentos. Vou chamá-la de Sertãozinho do Tietê, você logo saberá porquê, ela não tem um nome definido. É neste ponto que você deve abandonar a rodovia. Note que há condução regular de Mogi até o bairro - os ônibus chegam às 9:30hs

e saem às 17:30 hs, período suficiente para suas explorações.

Biritiba Mirim

O Rio Tietê nasce perto, em Salesópolis, e cruza ainda jovem a região. Chega a correr a meros 20 km do litoral, mas a Serra do Mar empurra-o para o interior do Estado, onde ele termina mais de mil km depois. Durante a colonização, o Tietê foi uma ativa rota de penetração do território paulista no sentido norte e oeste, permitindo atingir através dele o interior do Brasil.

Pois creio que foi a presença do Tietê, bem como de uma rede de afluentes, que explicam porque esta região foi desde cedo atravessada por sertanistas. Com frequência marcavam com cruzeiros os caminhos percorridos, pelo menos esta é uma das interpretações. Este foi o caso da Estrada de Santa Catarina, que margeia o Tietê. Lá surgiu o primeiro povoado, onde hoje é Biritiba Mirim.

Com o tempo, Mogi das Cruzes

cresceu muito mais, beneficiada pelo trânsito dos tropeiros e bandeirantes que se seguiram a Brás Cubas e, depois, pelas culturas do fumo, café e algodão. Biritiba dela fazia parte, mas se emancipou meio século atrás. É nela que estão os picos que descrevo a seguir.

A Adutora

A existência da malha hídrica, com cerca de uma dezena e meia de rios em Biritiba - além dos de Salesópolis, Mogi e Suzano - permitiu a construção de barragens, seja para geração de eletricidade ou coleta de água. A que nos interessa é a de Rio Claro (ou Ribeirão do Campo), cuja adutora foi então a maior obra pública em Mogi. Com cerca de 85 km, suas tubulações chegaram até o bairro paulistano da Mooca.

Na época, compartilhava com Guarapiranga o abastecimento de toda a capital. Hoje, o sistema a que pertence (chamado de Alto Tietê) corresponde apenas à metade da tão discutida Cantareira. Sua construção foi terminada em 1939. Ao chegar em Manuel Ferreira, você logo verá seus escuros dutos metálicos, correndo estranhamente paralelos à estradinha de terra, que será seu acesso às montanhas.

A Serrinha

Fica nesta região uma sucessão de picos, alguns dos quais rochosos, que integram o que estou chamando (com uma certa liberdade) de Serra do Sertãozinho do Tietê. Esse nome aparece nos mapas da região, exatamente onde fica nossa

área de interesse. São formações modestas, entre 850 e 1.080m de altitude, com encostas recobertas de vegetação. Elas abraçam os dois lados da estradinha de terra que prossegue a partir de Manuel Ferreira.

Ela é chamada de Estrada da Adutora.

O desnível do vale às cristas é de até 300m, portanto apenas moderado. Eu diria que estas formações montanhosas estão dispostas ao longo dos 12 km iniciais da estradinha, num contorno vagamente oval - na realidade, existem também conjuntos a até 3 km do lado oposto da Mogi Bertioga. Desta forma, elas circundam a região baixa da estrada, que pertence à bacia do Rio Biritiba Mirim.

E, logo a sul, começa o PE da Serra do Mar, de que tanto escrevi neste jornal. Uma de suas principais trilhas é chamada de Mogi-Bertioga (ver MV #112 de mar-abr 2012). Com início no km 81 da rodovia de mesmo nome, tem 15 km de extensão. Ela desce mata a dentro pelo vale do Rio das Pedras e, depois, do Itapanhaú, até alcançar o litoral. Mas atenção: desconheço o seu estado atual e alerta que é sujeita a desabamentos, portanto informe-se antes se quiser fazê-la.

Se quiser saber mais, consulte os textos do incansável Jorge Soto nos sites Brasil Vertical e Alta Montanha, são mais detalhados do que o meu.

A vegetação, assim como a topografia, é bastante mexida, com uma sucessão de diferentes plantas, desde as verduras das plantações, as gramíneas das pastagens, as taboas dos brejos, os eucaliptos dos reflorestamentos e os angicos e cedros da mata atlântica. A fauna é naturalmente de pequeno porte: pacas, capivaras, macucos, tucanos. Confesso que não é um visual particularmente impressionante, pois a floresta não tem a exuberância da Mata Atlântica nem as montanhas apresentam a verticalidade da Serra do Mar.

Dois Parques

Por estar na borda do planalto,



esta região é sujeita a persistentes neblinas. A Suzano, produtora de papel e celulose, implantou no antigo Sertão dos Freires uma pequena reserva chamada Parque das Neblinas (ver MV#89 de mar-abr 2006). Ele fica bem próxima, a oeste do Sertãozinho, com entrada pela vizinha Taiaçupeba. Lá você poderá desfrutar dos remansos do Rio Itatinga, bem como da espetacular vista do litoral santista. Existe aqui uma outra adutora que desce até a orla, uma obra cênica e arrojada, belamente construída em arcos de alvenaria. Você pode não acreditar, mas foi lá que fiz minha primeira trilha na natureza.

Para a volta, existe uma variante à sua esquerda, que é mais curta e íngreme. Em vários pontos existem cordas fixas, dada a declividade da descida. Este caminho é usado por praticantes de rapel. Suponho que foram 2 km dentro da mata e do reflorestamento (neste caso, pulando intermináveis troncos atravessados), até alcançar a mesma estrada do começo. Repare que você sairá num portão pelo qual já havia passado na ida. E agora, você terá de retornar, já sob sol quente, pela estradinha até o bairro.

Belas Pedras (LVIII): Pedra do Sapo

O primeiro pico que é avistado de baixo é a Pedra do Sapo (960m), que aos poucos emerge da densa vegetação logo à sua direita. Você terá de caminhar por 3 km na estrada até uma bifurcação. Tome então a direita até sair cerca de 1 km após numa porteira de fazenda, atravessá-la, contornar um lago em frente e subir à direita numa trilha discreta.

Pronto, agora você finalmente abandonou as estradas um tanto monótonas e ingressou na som-

bra da mata. Você subirá no sentido sudeste numa agradável trilha dentro da mata secundária. Cerca de 2½ km depois, chegará a uma laje plana chamada Pedra da Forquilha. De lá, subirá por corda num pequeno trecho empinado até o Sapo.

É até bonita a vista dos altos do Sapo, pois o relevo é bastante ondulado, com uma série de montanhas à sua frente. Em particular, o cume triangular do Pico do Gavião ou Peito de Moça (1.030m) e o corpo elevado do Itapanhaú, com sua antena de telefonia. Ele é o ponto culminante da serrinha, com 1.080m. É naturalmente possível chegar até ele pela estradinha de manutenção da antena, cujo acesso é entretanto bem confuso. Note que seu nome também designa o rio que nasce na região e deságua no mar de Bertioga, sendo o maior curso do litoral paulista.

Para a volta, existe uma variante à sua esquerda, que é mais curta e íngreme. Em vários pontos existem cordas fixas, dada a declividade da descida. Este caminho é usado por praticantes de rapel. Suponho que foram 2 km dentro da mata e do reflorestamento (neste caso, pulando intermináveis troncos atravessados), até alcançar a mesma estrada do começo. Repare que você sairá num portão pelo qual já havia passado na ida. E agora, você terá de retornar, já sob sol quente, pela estradinha até o bairro.

Belas Pedras (LIX): Pico da Esplanada

Se você não tomar aquela bifurcação à direita e caminhar por 8 km ao longo da estradinha desde o bairro, poderá alcançar o Pico da Esplanada (1.050m), cuja trilha progride a sul e depois a leste. Seu início acontece dentro do re-

florestamento da Fazenda Casa Verde pertencente à Suzano, exatamente onde existe uma placa indicativa. Você a verá logo após uma construção branca um tanto estranha à sua direita - não parece, mas é a Igreja da Fonte Celestial.

De novo, subirá por cerca de 2 km dentro da encosta da mata num caminho suavemente ascendente, desta vez sem passar por nenhum colo, até alcançar o rochoso, a norte do anterior. Veja como a vegetação irá variando desde os eucaliptos iniciais até a mata rala, que tem um aspecto nebuloso um tanto ameaçador. À medida em que solo for se tornando rochoso, as árvores darão lugar aos arbustos, gramíneas e musgos.

Note que, quando você atingir a rocha, deixará de subir, pois estará percorrendo o grande domo horizontal, semelhante à esplanada que dá nome a esta pedra. Você avistará a leste o litoral, a oeste as represas e, vagamente a sul, a Pedra do Garrafão, com aproximadamente a mesma altitude. Existe um colo abrupto entre estas duas formações, cujos cumes distam em linha reta apenas 700 m. Entretanto, chegar de uma na outra pelo colo é uma aventura difícil, devido à ausência de trilha e à vegetação cerrada.

Na volta, você talvez seja tentado a prosseguir ao invés de retornar na estrada, pois ela se dirige à vila de Biritiba Mirim. Mas a distância até lá é maior: 14 km, no lugar dos 8 km percorridos desde Manuel Ferreira, e com um trecho bastante sinuoso. Como a região é quente e úmida, o retorno a pé poderá ser bem penoso. Naturalmente, uma alternativa é ir de veículo, deixando por precaução alguém nele. No último

fim de semana em que lá estive, passou um veículo a cada 20 minutos. Neste caso, vale a pena ao retornar na Mogi Bertioga entrar à direita no Trevo de Taiaçupeba e conhecer o surpreendente Casarão do Chá. Existiu na época da Grande Guerra uma fábrica processadora do chá preto, que era plantado lá mesmo. É uma mistura entre as técnicas da taipa de pilão cabocla e do telhado em trama sem prego japonês. Mas observe que esta arquitetura preciosa só pode ser visitada aos domingos. Acho que será um belo programa para o fim de semana. Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br

Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente à pedra do Picu, a vinte minutos do BPO e outros pontos de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Área de convivência com lareira. A sua casa na montanha!

#hostel
Picus
.com.br

Abrijo de Montanha
(35) 9119.9153
Itamonte - MG



GENUINAMENTE
ARTESANAL
PRODUZIDA NO VALE DOS
SERRANOS
SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5,3% ABV | 40 IBU
BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU
RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU
WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU



LOJA DE FÁBRICA:
ESTR. SERRANOS, KM2
SÃO BENTO SAPUCAÍ
(12) 3971.1470



RESISTE!

E você, resiste? Equinox, produtos irresistíveis!

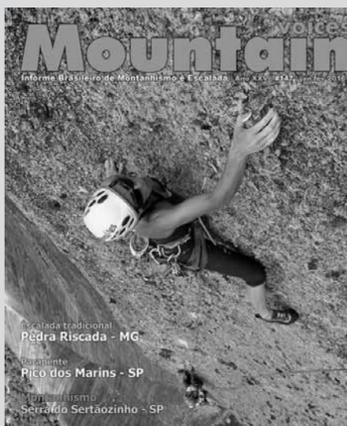


www.equinox.com.br

EQUINOX

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.
Editor: Eliseu Frechou
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
E-mail: contato@montanhismus.com.br
Web site: www.mountainvoices.com.br
Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Majo Moises na coluna final de Viagem de Cristal, Pedra Riscada, MG - Imagem: Noel Aguirre.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/06/2015.

Nome.....
Endereço.....
Cidade..... Estado.....
CEP..... Telefone.(.....).....
E-mail.....
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
- () Renovação assinatura - R\$ 20,00
- () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

147

Total00

Desde 1989
preparando montanhistas
para grandes desafios.

MONTANHISMUS
Escola de Escalada
Telefax: (12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

CHEGOU A NOVA
SÉRIE QUE VAI
RADICALIZAR
SEU ESPÍRITO
AVENTUREIRO.

SANDSTONE SERIES

CONQUISTAMONTANHISMO.COM.BR
FB.COM/CONQUISTAMONTANHISMO1990
INSTAGRAM.COM/CONQUISTAMONTANHISMO


SNAKE[®]
reach the top

EVOLUTION

THE EVOLUTION OF ADVENTURE

